

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Faculdade de Saúde

Curso de Psicologia

ALINE OLIVEIRA DA COSTA

**ANÁLISE DAS VARIÁVEIS QUE FAVORECEM O INÍCIO E A
PERMANÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER.**

São Bernardo do Campo

2014

ALINE OLIVEIRA DA COSTA

**ANÁLISE DAS VARIÁVEIS QUE FAVORECEM O INÍCIO E A
PERMANÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER.**

Trabalho apresentado à Universidade Metodista
de São Paulo – UMESP, como registro de
Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia.
Orientado por: Profa. Ms. Angélica Capelari.
Co-Orientadora: Miria Benincasa.

São Bernardo do Campo

2014

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que não tiveram a oportunidade de estudar, mas que sempre me incentivaram e não mediram esforços para que esse sonho se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Á Deus, em primeiro lugar, por me capacitar, por me fazer lembrar que eu sou capaz, e pela oportunidade de conquistar mais essa vitória.

Aos meus pais, que embora não tenham estudado, sempre foram esforçados e meus exemplos de sabedoria. No ombro de gigantes eu pude enxergar mais longe.

À minha Orientadora Ms. Angélica Capelari, pelas preciosas contribuições, para enriquecimento do meu trabalho e para a minha formação. A Professora Miria Benincasa Gomes, por suas orientações constantes, e por me fazer acreditar no meu trabalho e na causa que defendemos.

À Prof.^a Dra. Marília Martins Vizzotto, por disponibilizar seu material para estudo e pesquisa, e estar sempre a disposição.

Á todos, que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho fosse realizado.

Aos amigos que torceram por mim, Obrigada.

SUMÁRIO

RESUMO	6
LISTA DE QUADROS	7
I. INTRODUÇÃO:	8
I.I. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO:.....	10
I.II. DADOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER:.....	14
I.III. FASES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:.....	15
II. MÉTODO:	17
II. I. AMOSTRA.....	17
II. II. AMBIENTE.....	17
II. III. MATERIAL E INSTRUMENTO.....	17
II. IV. PROCEDIMENTOS.....	18
II. V. ASPECTOS ÉTICOS (RISCOS E BENEFÍCIOS).....	18
III. RESULTADOS E DISCUSSÃO:	19
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS:	28
V. REFERÊNCIAS:	28
VI. APÊNDICES:	31
VI. I – APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
VI. II – APÊNDICE B - ENTREVISTA ESTRUTURADA	

RESUMO

Um tema que tem sido amplamente discutido é a violência de gênero, a violência contra a mulher; atos violentos que ocorrem dentro dos lares, e que hoje é entendida como problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde. O presente estudo teve como objetivos identificar as variáveis que podem levar ao início, permanência da violência doméstica, e o que provoca este tipo de comportamento por parte do agressor. Pretendemos entender quais as motivações que o agressor possui, e em quais situações apresenta comportamentos violentos contra a mulher. Foram consultados quatorze prontuários, que relatam casos de mulheres que sofreram algum tipo de violência doméstica, atendidas em sistema de plantão psicológico durante os anos de 2006 e 2007 nas 2ª e 3ª Delegacias de Polícia Participativa, que buscaram a instituição com queixas de várias formas de violência, a faixa etária avaliada foi de 19 a 40 anos. A partir dos resultados obtidos, observou-se que a maioria das usuárias possuíam baixo nível de escolaridade, com ensino médio e ensino fundamental incompleto. Dentre elas, três estavam desempregadas, duas eram do lar, e nove estavam trabalhando quando foram registradas as ocorrências. Na maioria dos casos, as usuárias sofreram mais de um tipo de violência, sendo predominante a violência psicológica, seguida de violência física, e o tipo de violência menos apresentado foi a violência sexual. Os resultados mostraram que variáveis como, o uso de drogas, ciúmes, divórcio, problemas financeiros, são consideradas como desencadeadores da violência de gênero, e são variáveis que favorecem a permanência da violência doméstica. Notamos também, que mesmo em situações de violência, em quase todas as relações, tratam-se de relacionamentos duradouros, e mesmo que separadas, as vítimas mantêm um convívio com o agressor. Os dados apontam para relações que se compreendem em uma relação de desigualdade, dominação, exploração e opressão do outro, e fica clara a visão patriarcal de masculinidade, em que os homens sempre estarão no comando dos relacionamentos.

Palavras chave: Violência; Mulher; Violência de gênero.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I - Perfil das Usuárias:	20
QUADRO II - Queixa, Indicadores de denúncias de violência apresentadas pelas usuárias e tempo de união com o companheiro.	21

I. INTRODUÇÃO:

A violência geralmente está presente na vida de alguns indivíduos e em diversos âmbitos das relações sociais. Podemos definir violência e agressão, como qualquer comportamento que tenha por intenção, ofender e humilhar o outro. Podemos classificá-las nas seguintes modalidades: verbais, físicas e sexuais, segundo Kronbauer e Meneghel (2005).

Segundo Saffioti (1999 *apud* Cortez; Souza, 2008), violência é todo ato capaz de violar os Direitos Humanos, e entre os diversos tipos de violência, nosso foco de estudo é a violência de gênero, a violência contra a mulher, entendida como problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde segundo Day *et. al* (2003).

A violência de gênero pode ser conceituada como aquela que é exercida de um sexo sobre o sexo oposto, e como qualquer ato que resulte ou possa resultar em algum dano ou sofrimento para a mulher, nos quesitos físico, sexual ou psicológico, incluindo as ameaças, a privação da liberdade de ir e vir, os castigos, os maus tratos, as humilhações públicas e privadas, a pornografia, agressões sexuais e etc. (Kronbauer e Meneghel 2005).

Acostumamo-nos a considerar como violência, somente os atos que provocam algum tipo de lesão física, no entanto, a violência também ocorre na forma de destruição de bens, ofensas, intimidação dos filhos, humilhações, ameaças e uma série de atitudes de agressão e desprezo; situação de desrespeito aos direitos das mulheres seja na rua, nas escolas, nos consultórios, nos ônibus, nas festas e, sobretudo, em casa. (Pereira, 2006).

A violência doméstica trata-se de atos violentos que ocorrem dentro dos lares, com taxa de homicídios menores, mas com prejuízos individuais, familiares e sociais. Entende-se por violência intrafamiliar:

“Toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser cometida dentro e fora de casa, por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue” (DAY, 2003, pág. 10).

Podemos destacar algumas formas mais comuns de violência intrafamiliar, dentre elas estão:

- Violência física, que ocorre quando o agressor tenta causar danos por meio de força física, com algum tipo de arma ou instrumento que possa causar lesões internas, externas ou ambas, em que a mulher sofre agressões físicas, inclusive deixando marcas, como hematomas, cortes, arranhões, manchas, fraturas e ficar sem assistência quando está doente ou grávida, entre outros. (Pereira, 2006)
- Violência psicológica, que inclui toda ação ou omissão, que tem por intenção causar danos à autoestima e a identidade da vítima, inclui ainda, ameaças sutis, desqualificação, humilhações, críticas constantes, ironizar publicamente, xingamentos, fazer a pessoa duvidar de sua própria sanidade, provocar culpa e confusão mental; controlar os movimentos, vasculhar pertences pessoais, como gavetas, celulares etc; usar os filhos para fazer chantagem; isolar a vítima dos amigos e parentes; provocar situações constrangedoras no ambiente de trabalho da vítima; controlar, reter, tirar o dinheiro da vítima; destruir ou ocultar documentos pessoais da vítima e de seus filhos; maltratar animais de estimação da vítima com o claro propósito de atingi-la; e impedir que a vítima exercite suas crenças religiosas. (Pereira, 2006)
- Negligência, que seria a omissão da responsabilidade, sobretudo em relação àqueles que precisam de alguma ajuda por diversas questões.
- Violência sexual, em que o agressor obriga a vítima a ter relações sexuais contra a sua vontade, mesmo sem uso de violência física, força práticas sexuais que causam desconforto ou repulsa, obriga a vítima a olhar imagens pornográficas, quando ela não deseja e obrigar a vítima a fazer sexo com outras pessoas. A violência sexual inclui toda ação realizada em uma situação, em que um exerce poder sobre o outro, utilizando a força física, influência psicológica ou sob o uso de armas. (Day *et. al* 2003).
- Violência religiosa: considerar as mulheres com inferiores e justificar isso usando a Bíblia ou tradição religiosa; culpar as mulheres pelo mal e pela morte ou a causa do pecado; usar as cerimônias matrimoniais para afirmar a supremacia masculina e a submissão das mulheres; ser discriminada por estar divorciada, ou por ser mãe sem ser casada. (Day *et. al* 2003).

Cada tipo de violência gera prejuízos nas esferas do desenvolvimento físico, cognitivo, social, moral, emocional ou afetivo. A violência contra a mulher que pode ocorrer tanto na rua como em casa, como postula Hermann (2000). Nosso foco de estudo são as vítimas da violência sofrida no espaço doméstico, praticada, sobretudo, por maridos e companheiros.

Nos conflitos relacionados a violência doméstica, é importante destacarmos que existe um sofrimento para todos que estão diretamente ou indiretamente envolvidos, pois a violência traz uma destruição gradativa para a família, reduzindo os sentimentos de segurança, amparo e amor, sentimentos esses que são fundamentais para a formação e manutenção do bem estar e qualidade de vida do indivíduo. (Boechat 1982).

Algumas questões são levantadas a respeito do fenômeno da violência doméstica, que conforme podemos pode ser compreendido como a violência física, psicológica, sexual e patrimonial, dentro de uma relação conjugal ou familiar, conforme postula Passos (1999). O que nos leva a alguns questionamentos como: quais são os fatores que podem levar ao início e a permanência da violência doméstica que assola a classe feminina? E o que provoca este tipo de comportamento por parte do agressor? Porque algumas mulheres mantêm uma relação conjugal sob o cenário de violência constante?

I.I Algumas considerações sobre a violência de gênero:

A Violência de gênero é um fenômeno social, e pode ser considerado decorrente da desigualdade entre homens e mulheres. As situações de violência contra as mulheres resultam em suma, da relação de hierarquia, que foi estabelecida, ao longo da história, pois, papéis diferentes que foram instituídos socialmente entre os sexos, fruto de uma educação diferenciada, por meio da família, da escola, igreja, amigos e os meios de comunicação em massa, de forma que, para o sexo masculino, são atribuídas qualidades referentes ao domínio e a agressividade, já para as mulheres as qualidades atribuídas foram a do “Sexo frágil”, pelo fato de serem mais sensíveis e afetivas, qualidades que se contrapõem ao sexo masculino e por isso não são tão valorizadas na sociedade. (Azevedo, 1985).

A partir deste processo sócio-cultural, de construção da identidade, tanto masculina quanto feminina, é ensinado ao menino a não ser sensível, não materno, não expressar seus sentimentos ou fraquezas, a ser diferente da mãe, e ter o pai como

espelho, como provedor, seguro, líder; já com a menina ocorre o oposto, ela deve se identificar com a mãe, e com as características denominadas femininas, como docilidade, dependência, insegurança dentre outras, segundo Passos (1999).

As relações estabelecidas entre os homens e as mulheres são quase sempre de supremacia, deles sobre elas, pois a ideologia dominante tem papel de difundir e reafirmar a supremacia masculina, em detrimento à correlata inferioridade feminina. (Silva, 1992).

Segundo Pereira (2006), a violência doméstica não tem distinção de cor, classe social ou de idade. Atinge não só as mulheres, mas seus filhos, famílias e os próprios agressores. É uma das piores formas de violação dos direitos humanos de mulheres e meninas, uma vez que extirpa os seus direitos de desfrutar da liberdade fundamental, afetando a sua dignidade e auto-estima.

Chauí (1999 *apud* Cortez; Souza 2008), coloca que a violência de gênero se compreende em uma relação de desigualdade, em que o objetivo seria a dominação, exploração e a opressão do outro, do lado mais “frágil”, neste caso da mulher, e ao analisarmos nossa sociedade fica evidente que existe uma hierarquização entre os gêneros, estabelecendo de um lado, um gênero que possui o poder, neste caso o homem, que é forte, racional e ativo, e do outro lado, a mulher, que não possui poder algum e que é sensível, emotiva e passiva.

Wood (2004 *apud* Cortez; Souza 2008), coloca que a ocorrência de violência doméstica contra a parceira é um meio do parceiro controlá-la, de modo que o agressor mantenha sua masculinidade intacta, e existem algumas justificativas comuns para as agressões, que podem ser divididas em quatro subtemas: a) Ela me desrespeitou como homem; b) Ela me provocou; c) O homem tem o direito de controlar sua mulher; e d) A mulher aceita a situação de violência.

A violência conjugal está envolvida por uma busca direta do poder, e essa busca incessante pode estar relacionada à insegurança pessoal, causada pelo desejo masculino de exercer poder e controle, ou seja, na maioria das vezes a violência se origina da incapacidade de experimentar a impotência por parte do homem, e para lidar com esse sentimento exerce poder sobre aqueles que eles julgam mais frágeis e propensos a sua dominação. (Wood 2004, *apud* Cortez; Souza 2008).

Fica evidente uma relação moldada pelo controle e posse da mulher pelo parceiro, uma relação moldada pelo desejo de possuir, o medo de perder, o desejo de que a mulher não queira nada a não ser ele, e os atos violentos perpetrados por esses

agressores são considerados como atos “Corretivos”, eles alegam que as mulheres não obedeceram ou não fizeram o que deveriam ter feito, ou seja, a violência é narrada como um ato disciplinar. Para os agressores suas razões são legítimas, pois a sua função masculina na relação de casal é a de disciplinar. (Pereira, 2006).

Algumas argumentações tentam de alguma forma, “justificar” ou explicar a violência doméstica contra a mulher, e foram identificadas algumas variáveis externas e internas, que favorecem o início e a permanência da violência de gênero, como exemplo o consumo de álcool, drogas, dificuldades financeiras, desemprego, e variáveis internas, como ciúmes, situações de estresse, frustração, personalidade do agressor, histórico familiar, o padrão cultural aprendido e reproduzido, dentre outros. (Cortez e Souza 2008). Outros fatores desencadeantes da violência doméstica incluem outras modalidades como: salários baixos, filhos indesejados, ausência de condições para sobrevivência, problemas psicológicos e psiquiátricos, pessoas que foram abusados quando crianças, fanatismo religioso, entre tantos outros. As agressões contra a mulher constituem a uma exacerbação de um relacionamento hierárquico entre os sexos, em que a violência masculina é um exercício perverso da dominação do macho sobre a fêmea. (Azevedo, 1985; Maldonado, 1997).

Discorreremos sobre algumas dessas variáveis, começando pelas variáveis internas, como exemplo, o ciúme romântico, que se manifesta entre os parceiros que formam um casal. (Carvalho 2001).

Segundo Costa (2005), o comportamento de ciúme é desencadeado e motivado por uma situação de ameaça real ou imaginária de um rival, ameaçando a perda de um relacionamento considerado importante. Tal ciúme é apontado pela literatura como um fenômeno extremamente comum e considerado como uma emoção negativa, como uma reação humana de difícil controle e indesejada. (Carvalho, 2001).

O ciúme pode ser considerado também como uma emoção negativa adaptativa, uma vez que todo comportamento possui um valor de sobrevivência, porém não considerado necessário às relações, mesmo sendo um padrão esperado e reforçado culturalmente. (Costa, 2005)

O ciúme pode estar relacionado a necessidade de controle, existentes dentro dos relacionamentos amorosos, que se referem a necessidade do indivíduo de estar no controle do relacionamento e da situação, controlando todas as atividades realizadas pelo parceiro. (Carvalho, 2006)

Segundo a análise do comportamento, o ciúme pode ser interpretado como um evento privado capaz de controlar comportamentos públicos, ou seja, em um evento privado denominado sentimento, cujo o ciúme é produto do condicionamento reflexo e operante. (Skinner 1991, *apud* Costa 2005).

Segundo Tourinho (1997 *apud* Costa 2005), um evento privado pode controlar um comportamento público, passando a fazer parte da contingência, que se refere a uma relação de dependência entre eventos. Então supõe-se, que o indivíduo denominado ciumento aprendeu a sentir tal sensação e a emitir determinados comportamentos públicos. (Barros 1996, *apud* Costa 2005)

Na violência de gênero, podemos destacar possíveis reforçadores, que ocorrem quando o indivíduo demonstra ciúmes da parceira, um exemplo seria uma contingência de reforço positivo, em que o parceiro demonstra ciúmes e a parceira o assegura que o ama, e que jamais o trocaria por ninguém; conforme coloca Castro (2001, *apud* Costa 2005). E uma contingência de reforço negativo, que se refere á contingência, entre uma resposta, e a remoção de estímulos, sua atenuação, até o adiamento, ou impedimento de um estímulo potencial; um exemplo: o parceiro apresenta um padrão de ciúme ao interrogar e agredir a parceira, que por sua vez passa a evitar o contato com qualquer outra pessoa que não seja o próprio parceiro, notamos ai, o comportamento de fuga, quando a esposa, faz qualquer coisa para remover os comportamentos agressivos e as crises de ciúme do parceiro. (Sidman 1995, *Apud* Rodrigues; Ribeiro 2005). Se o ciúme for reforçado negativamente, podemos notar também, o comportamento de esquiva em que, a parceira estaria se esquivando de situações aversivas para evitar o padrão esperado. (Menezes e Castro 2001, *apud* Costa 2005)

Segundo Carvalho (2001), existe alguns fatores que correspondem as diferentes dimensões do ciúme romântico, dentre eles a autoestima. O indivíduo que tem baixa autoestima, e sente-se responsável, e culpado, pela real ou imaginaria infidelidade do parceiro; o indivíduo apresenta comportamentos de investigar, de todas as formas a vida do parceiro, como mexer em suas coisas, entrar no e-mail, etc., além de colocar em dúvida a fidelidade do mesmo.

Outra variável importante, que desencadearia a violência contra a mulher a ser destacada seria uma variável externa, como por exemplo, o uso de álcool e outras drogas, pois a incidência de violência doméstica segundo Day, *et. al* (2003), tem sido considerada maior em agressores que abusam de substâncias psicoativas, que abusam do uso de drogas, pois tais substâncias desempenham um papel desencadeante de atos

violentos através de suas ação desinibidora da censura, e o agressor assume condutas que são socialmente reprováveis e esta variável não está relacionada apenas aos consumidores pesados e dependentes químicos, mas também a consumidores das substâncias eventuais, leves e moderados. (Day *et. al* 2003).

Deve-se levar em consideração que o consumo de álcool e drogas ilícitas em indivíduos que possuam outros transtornos mentais como esquizofrênia e demência, assim como em pessoas com pouca tolerância a frustração, podem ser considerados um potencializador e desencadeante de atos violentos. (Day *et. al* 2003).

I.II Dados sobre a violência doméstica contra a mulher:

De acordo com a Organización Panamericana de la Salud (s/d), diversos estudos mostram que uma em cada três mulheres, em algum momento de sua vida, foi vítimas de violência sexual, física ou psicológica perpetradas por homens. Entre 10 e 50% das mulheres em cada país em que existem dados confiáveis sofreram abuso físico por seus parceiros. A organização afirma que são cada vez mais numerosas as provas dos resultados negativos para a saúde causados pela violência contra a mulher, que está associada a riscos e problemas para a saúde reprodutiva, enfermidades crônicas, conseqüências psicológicas, lesões e morte, sendo os efeitos psicológicos os mais devastadores e prolongados.

No Brasil, conforme as estatísticas de pesquisa nacional realizada pela Fundação Perseu Abramo (2001), há uma média de 2,1 milhões de mulheres espancadas a cada ano, 175 mil por mês, 5,8 mil por dia e quatro mulheres a cada minuto. De acordo com a Ordem dos Advogados do Brasil (2004), as Delegacias de Defesa da Mulher registraram, apenas nos cinco primeiros meses do ano de 2004, mais de 123 mil casos de violência contra a mulher. Na capital paulista, de acordo com dados provenientes de nove subseções da Delegacia da Mulher, contabilizam-se 21.888 casos com algum tipo de violência contra a mulher, dos quais, apenas 241 resultaram em prisão.

Outro estudo realizado com o objetivo de estimar a prevalência de violência contra mulheres foi feito com usuárias de serviços de saúde na Grande São Paulo entre 2001-2002, na faixa etária de 15 a 49 anos. Os resultados os apresentam uma prevalência de 76% para qualquer violência, 68,9% para violência psicológica; 49,6% para violência física; 54,8% para física e/ ou sexual; e 26% para sexual. A pesquisa aponta para a

gravidade do fenômeno da violência contra a mulher e revela sua invisibilidade pelas baixas taxas de registro em prontuários. (Schraiber *et al.* 2007)

A violência doméstica contra a mulher tem sido um assunto muito relevante nos últimos anos, devido a grandes proporções que a violência vem tomando, e no Brasil existe uma preocupação com o enfrentamento desta situação. (Schraiber *et al.* 2007)

Uma dessas iniciativas de enfrentamento, ocorreu em 7 de agosto de 2006, em que foi sancionada a Lei nº 11.340, conhecida como “Lei Maria da Penha”. Lei que foi criada para coibir e tentar prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, a qual se configura por qualquer conduta - ação ou omissão – baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos e dano moral ou patrimonial, a violência pode acontecer no âmbito doméstico, familiar ou em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a vítima, e na “Lei Maria da Penha” no (Artigo 7º), são consideradas formas de violência doméstica e familiar contra a mulher os seguintes: violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. (SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2006).

I.III Fases da violência doméstica contra a mulher:

Segundo Pereira (2006), a violência doméstica se constitui em fases, na fase um, existe a criação da tensão, e nesta fase podem ocorrer incidentes menores, como agressões verbais, crises de ciúmes, ameaças, destruição de objetos, xingamentos, crítica constante, humilhação psicológica, e pequenos incidentes de agressão física, contribuindo para um aumento gradual da tensão entre o casal, que pode chegar a durar até mesmo anos; e o agressor torna-se progressivamente agitado e raivoso, fazendo com que a mulher demonstre precaução extrema com relação ao seu companheiro, negando que exista algum tipo de abuso, controlando atentamente a situação. Um pequeno incidente de violência ocorrerá e então a mulher procurará justificar a agressão. O agressor sabe que o comportamento dele está errado e teme que sua companheira o abandone, a companheira retrai-se para não provocá-lo, reforçando seus temores, elevando então a tensão a um nível insuportável, o que os leva para a fase dois.

Fase dois: Existe o ato de violência, um ato de violência física contra a mulher, que geralmente vem acompanhado por uma severa agressão verbal. Nesta fase, a mulher

sofre os danos físicos mais sérios. O agressor parece saber como prolongar a violência em sua companheira, sem matá-la. A mulher provavelmente negará a seriedade dos danos que sofreu para acalmar o agressor finalizando a fase dois.

Fase três: A fase três se constitui como a fase amorosa, tranquila, a fase da Lua de mel, pois existe por parte do agressor uma demonstração de arrependimento, e o mesmo começa a se comportar de forma amorosa com a esposa, tentando desculpar-se. O comportamento amoroso dele reforça na mulher a esperança de que ele mudará, de forma que a encoraje a manter sua relação com o mesmo. O agressor convence a mulher e a todos ao redor, que nunca mais a agredirá, convencendo-a a não romper o relacionamento com ele, a mulher acredita que suas intenções são verdadeiras. O agressor mostra-se carente, e a mulher sente-se responsável pelo mesmo, mas a fase três traz de volta a tensão, que provoca novamente a fase um. O ciclo de violência começa novamente, pois a culpa que o agressor sente, na fase três, acaba dando lugar aos pequenos incidentes de agressão que caracterizam a fase um. (Pereira 2006).

Portanto de acordo com os pressupostos teóricos levantados, o objetivo da pesquisa é investigar: quais são os fatores que podem levar ao início e a permanência da violência doméstica que assola a classe feminina, a partir de um levantamento documental de estudos realizados na Delegacia da Mulher.

II. MÉTODO:

II. I. Amostra

A pesquisa foi realizada através de um levantamento documental, de um trabalho de pesquisa, apresentado na IX Jornada Apoiar: Violência Doméstica e Trabalho em rede compartilhando experiências: Brasil, Argentina, Chile e Portugal (2011), “Violência, Mulher e Família: Descrição e sistematização dos atendimentos psicológicos realizados nos Plantões nas Delegacias da Mulher e Participativas do ABC e do Programa de Mestrado em Psicologia da saúde na Universidade Metodista de São Paulo”, realizado por Vizzotto *et al.* (2011), nas 2ª e 3ª Delegacias de Polícia da Mulher e Participativas, durante os anos de 2006 e 2007. Utilizaram-se como materiais, quatorze prontuários, que relataram casos de mulheres que sofreram algum tipo de violência doméstica. A faixa etária das pessoas que compusera a amostra foi de 19 á 45 anos, em que o critério de escolha dos prontuários, foram a riqueza de informações contidas em cada relato.

II. II. Ambiente

O estudo e análise dos prontuários foram realizados na Universidade Metodista de São Paulo, onde os prontuários dos casos atendidos nos plantões psicológicos são arquivados. As entrevistas contidas nos prontuários ocorreram através dos atendimentos realizados nas 2ª e 3ª Delegacias de Polícia Participativa, tais atendimentos foram realizados por estagiários de psicologia da Universidade Metodista de São Paulo, semanalmente, na própria Delegacia, sendo supervisionados pelo docente responsável.

II. III. Material e Instrumento

Utilizaram-se os prontuários que continham as entrevistas realizadas na delegacia, com as mulheres que sofreram algum tipo de violência doméstica e prestaram queixa. As entrevistas foram realizadas a partir de um questionário, com um roteiro de entrevista, que temos em anexo no apêndice deste trabalho, que foi elaborado com antecedência e especificamente para esses atendimentos. O roteiro é dividido em três partes, para que possa nortear o entrevistador: 1) Dados de Identificação – levanta dados

pessoais do sujeito, como idade, profissão, situação conjugal, número de filhos; 2) Situação Sócio-Econômico-Cultural – escolaridade, renda familiar, condição de moradia, hábitos e ocupação dos espaços pelos membros da família; 3) Variáveis Psicológicas – dados sobre o caso, toda a descrição dos acontecimentos, da queixa em si, a investigação a respeito do agressor, da família, quais as expectativas em relação à busca de ajuda na delegacia e quais as atitudes de enfrentamento da situação, que a vítima apresenta.

III.IV. Procedimento

Foi realizada uma análise dos dados contidos nos prontuários. Seguiu-se por uma análise descritiva, para levantamento e identificação das variáveis que poderiam levar ao início e a permanência da violência doméstica contra a mulher.

II.V. Aspectos éticos (riscos e benefícios)

O trabalho realizado não apresentou nenhum risco aos participantes, pois toda análise dos casos foram realizadas a partir dos prontuários, que foram adquiridos através de um estudo realizado pela professora Dra. Marília Martins Vizzotto, e não houve nenhum contato direto ou intervenções com tais participantes. Ao ser realizado tal estudo na delegacia, todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a utilização dos dados para trabalhos acadêmicos.

Através da análise dos casos relatados pelas mulheres que sofreram algum tipo de violência doméstica, podemos contribuir para compreensão das variáveis que favorecem a violência contra a mulher.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentam-se os dados referentes aos casos estudados, especificando informações gerais da amostra e queixas apresentadas ao psicólogo, durante os atendimentos realizados com as vítimas de violência doméstica na delegacia.

Os casos apresentados tratam de queixas de violência doméstica contra mulher, relatadas por mulheres na delegacia, apresentando como agressor o companheiro. No Quadro I, podemos observar que onze das participantes, possuem baixo nível de escolaridade, com ensino médio e ensino fundamentais incompletos, duas possuem ensino médio completos, e temos uma participante com superior incompleto. A idade das participantes dos casos apresentados variam entre 19 e 45 anos, e dentre elas, três estavam desempregadas, duas eram do lar, e nove estavam trabalhando quando foram registradas as ocorrências.

Quadro I. Perfil das Usuárias que prestaram queixa na Delegacia da Mulher.

Usuárias (*)	Idade	Estado Civil	Naturalidade	Escolaridade	Profissão
Lonara	25	Convive com o parceiro	Ceará	Ensino Médio	Caixa
Elaine	25	Convive com o parceiro	São Paulo	Ensino Fundamental Incompleto	Diarista
Geovana	29	Convive com o parceiro	Bahia	Ensino Fundamental Incompleto	Desempregada
Juliana	25	Casada	São Paulo	Ensino Médio Completo	Do Lar
Elaine	31	Convive com o parceiro	Tocantis	Ensino Médio Incompleto	Vendedora
Camila	21	Convive com o parceiro	Alagoas	Ensino médio Incompleto	Balconista
Sirlene	32	Convive com o parceiro	São Paulo	Ensino Médio Incompleto	Auxiliar de serviços gerais
Claudia	34	Casada	Minas Gerais	Ensino Fundamental Incompleto	Desempregada
Michele	29	Casada	São Paulo	Superior Incompleto	Professora
Marlene	38	Casada	São Paulo	Ensino Médio Incompleto	Do Lar

Marcela	22	Convive com o parceiro	São Paulo	Ensino Médio Incompleto	Balconista
Marilene	45	Casada	Minas Gerais	Ensino Fundamental Incompleto	Costureira
Cibele	45	Convive com o parceiro	São Paulo	Ensino Médio completo	Assistente de atendimento
Maria	39	Convive com o parceiro	São Paulo	Ensino Fundamental Incompleto	Desempregada

(*) Para os nomes das usuárias, utilizamos pseudônimos dados por nós, colocados apenas para efeito didático, conservando também o sigilo da identidade dessas pessoas.

Segundo Day *et. al* (2003), a violência contra a mulher é entendida como problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde, caracterizada como qualquer ato ou conduta, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico. Diante dos dados apresentados, isso fica claro, na diversidade de idades das participantes, no nível de escolaridade, algumas tem vida profissional ativa, outras não, ou seja, a violência doméstica não tem distinção de cor, classe social, escolaridade ou de idade, e que atinge não só as mulheres, mas seus filhos, famílias e os próprios agressores, conforme coloca Pereira, (2006).

Quadro II. Queixa, Indicadores de denúncias de violência apresentadas pelas usuárias e tempo de união com o companheiro.

Usuárias (*)	Queixa	Indicadores	Tempo de união com o companheiro
Lonara	Violência Psicológica	- Parceiro persegue esposa e filho. - Parceiro extremamente ciumento e alega que ela tem outro homem. - Não aceita a separação e a ameaça de morte.	Não consta
Geovana	Violência Física Violência Sexual Violência Psicológica	- Agride a companheira sob efeito de drogas	7 anos

		<ul style="list-style-type: none"> - Obriga a companheira a ter relações sexuais contra a sua vontade. - A ameaça e quebra tudo ao seu redor, maltrata verbalmente os filhos. 	
Juliana	<p>Maus tratos Violência psicológica</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Companheiro quer que ela saia de casa - A maltrata e joga as suas coisas na rua. 	4 anos
Elaine	<p>Violência Física Maus tratos Violência Psicológica</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O companheiro a agride, pois, é muito ciumento. - Não aceita a separação. 	Não consta
Camila	<p>Violência Psicológica Violência Física</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Companheiro extremamente ciumento. - Estresse por dificuldades financeiras. - Companheiro autoritário e opressor. 	2 anos
Sirlene	<p>Violência Física Violência Psicológica</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Companheiro alcoólatra, e a agride sob efeito do álcool . - Às vezes a deixa fora de casa. - A ameaça de morte. 	13 anos
Claudia	<p>Violência Psicológica Maus tratos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Maltrata toda família, sob efeito do álcool. - Ameaças constantes á companheira. - Não aceita a separação. 	10 anos

Michele	Violência Física Violência psicológica	- Companheiro não aceita a separação. - A persegue e agride. - Constantes ameaças de morte.	10 anos
Marlene	Violência Física Violência psicológica	- Companheiro opressor, á agride e humilha diante os familiares.	14 anos
Marcela	Violência psicológica	- Ameaças de morte. - Não aceita a separação e a persegue.	Não consta
Marilene	Violência Psicológica Maus tratos	- Agride verbalmente a companheira e a maltrata tratando-a como uma “escrava”	28 anos
Cibele	Violência Psicológica	- Companheiro a agride verbalmente diariamente. - Não aceita a separação.	9 anos
Maria	Violência Física Maus tratos Violência Psicológica	- Ameaças de morte e agressões físicas, após gravidez indesejada. - Companheiro opressor e agressivo.	1 ano

(*) Para os nomes das usuárias, utilizamos pseudônimos dados por nós, colocados apenas para efeito didático, conservando também o sigilo da identidade dessas pessoas.

Com os dados do presente estudo, podemos observar no Quadro II, que em todos os casos apresentados as vítimas sofreram violência psicológica, e dez sofreram violência psicológica seguidas de violência física, Pereira (2006), coloca que a violência de gênero se constitui em fases, classificando a fase um, como a fase em que existe uma tensão entre o casal, fase esta que ocorre incidentes menores, como a violência psicológica, xingamentos, ameaças e humilhações, e na fase dois se concretiza o ato de violência física, que acompanha a violência verbal, na fase dois a mulher sofre os danos físicos mais sérios.

O Quadro II também apresentou casos de violência sexual, maus tratos e constates ameaças de todos os gêneros, inclusive de morte. A modalidade de violência que foi citada apenas uma vez foi a violência sexual. Podemos notar alguns fatores que levaram ao início e a permanência da violência, como ciúmes excessivos, oposição à separação, uso de substâncias psicoativas, álcool e drogas, e companheiros opressores que exercem uma posição de poder e supremacia sob a companheira.

Verificamos também, o tempo de união com o parceiro, quase todas as relações tratam-se de relacionamentos duradouros, o mais curto é de aproximadamente um ano e o mais longo de 28 anos, em alguns casos os casais estão separados, mas continuam dividindo a mesma casa, ou mantém um convívio diário com o companheiro. Segundo Boechat (1982), a violência doméstica trás um sofrimento gradativo para toda família, reduzindo os sentimentos de segurança, amparo e amor, e podemos notar que em alguns casos, a violência doméstica se estende da mãe, para os filhos ou para outros membros da família, e muitas vítimas só decidiram buscar ajuda quando se dão conta deste prejuízo para os outros membros da família.

A partir dos dados obtidos, podemos notar que algumas variáveis provavelmente contribuíram para o início da violência contra a mulher, como por exemplo: o uso de drogas e álcool, problemas financeiros, ciúmes excessivos, gravidez indesejada, dentre outros. Segundo Skinner (1990 *apud* Rodrigues; Ribeiro 2005), conceitos como estímulo, resposta e reforço, permitem a descrição das relações simples e complexas das pessoas, com os ambientes, natural, físico e social, e a análise do comportamento descreve eficientemente a interação entre o comportamento e o ambiente. As contingências de reforço e punição que formam os comportamentos operantes e seus subprodutos respondentes, esclarecem como o comportamento ocorre, e sob o controle de quais estímulos. Em situações de violência doméstica, identificarmos as variáveis que podem ser desencadeadoras da violência de gênero, que seriam os estímulos antecedentes a violência, nos possibilita a entender as contingências aversivas que controlam o comportamento do agressor, e podemos definir o seu comportamento a partir dos eventos antecedentes imediatos, definir o seu comportamento a partir de suas consequências, baseando-nos nos princípios de reforçamento e punição. (Skinner, 1953 *apud* Rodrigues; Ribeiro 2005).

Através da análise dos prontuários, identificamos as variáveis como: o uso de drogas e álcool, problemas financeiros, ciúmes excessivos, gravidez indesejada, dados

esses, que vão de encontro com o que diz Cortez e Souza (2008), que existem variáveis externas e internas, que favorecem o início e a permanência da violência de gênero, como o consumo de álcool, drogas, dificuldades financeiras, desemprego, e variáveis internas, como ciúmes, situações de estresse, frustração, personalidade do agressor, histórico familiar, o padrão cultural aprendido e reproduzido, e etc.

Podemos observar em alguns relatos, variáveis externas, como o uso de álcool e drogas, como de acordo com o relato da vítima Geovana, em boletim de ocorrência, a mesma informa que sofre violência psicológica, física e sexual, devido o uso de drogas pelo companheiro “Ele chega em casa tarde todos os dias, diz que está trabalhando, mas eu sei que não está, ele me bate pois usa drogas, e ainda guarda tudo em casa, maconha, cocaína...” (sic).

Sirlene relata que sofre violência psicológica e maus tratos, devido o companheiro ser alcoólatra, “Meu marido sempre bebeu, quebra tudo em casa e costuma me deixar para fora de casa” (sic).

Claudia sofre violência psicológica, seu companheiro também é alcoólatra, além de ter problemas psicológicos “Meu marido, vem bebendo com frequência, e faz tratamento no bezerra, ameaça bater nas crianças” e “Gasta muito com bebida” (sic).

Outra variável externa, que influência para o início da violência de gênero seria, conflitos relacionados a questões financeiras, como podemos observar no relato da Camila que sofre violência física e psicológica “Nossas brigas são constantes, ele é mais velho e autoritário” e “Nossa última briga ocorreu por causa de uma conta telefônica que veio muito alta” (sic).

Os dados apontam também, uma variável comum, a variável interna de ciúmes excessivos, a maioria dos relatos das vítimas de violência de gênero, são de companheiros dominadores e excessivamente ciumentos, como vemos no relato da Elaine, que sofre agressões físicas e maus tratos, devido ao ciúme excessivo do companheiro, “Eu costumo chegar tarde do trabalho, e da última vez, ele cortou os meus dedos e me acompanhou até o hospital, para ter certeza que eu não iria denuncia-lo”. (sic). Camila também relata os motivos das agressões do companheiro “Ele é muito ciumento, trabalhávamos junto, mas ele saiu por causa de ciúmes” (sic).

Outra variável, seria uma gravidez indesejada, como relata Maria, que começou a sofrer violência física a partir do dia em que disse para o companheiro que estava

grávida, a mesma conta no relato que, “Ele nunca foi agressivo” e que “Tudo começou na gravidez” (sic).

Azevedo (1985), e Maldonado (1970), incluem outras variáveis que podem desencadear a violência como, filhos indesejados, ausência de condições para sobrevivência, problemas psicológicos e psiquiátricos, pais que foram abusados quando crianças, fanatismo religioso, entre tantos outros e essas agressões contra a mulher constituem a exacerbação de um relacionamento hierárquico entre os sexos, em que a violência masculina é um exercício perverso da dominação do macho sobre a fêmea.

Silva (1992), coloca, que as relações estabelecidas entre os homens e as mulheres são quase sempre de supremacia, deles sobre elas, pois a supremacia masculina e a inferioridade feminina tendem a ser reafirmadas, e podemos notar isso através dos dados obtidos, em que muitos casos o companheiro assume uma posição de opressor, muitas vezes não aceitando o divórcio, como por exemplo, no relato de Cibele, que sofre violência psicológica, pois o companheiro não aceita a separação e a agride verbalmente todos os dias, “Gostaria que meu marido fosse colocado para fora de casa” e “Estamos separados mas ele não aceita, e me agride verbalmente” (sic). Michele sofre violência física e psicológica, pois o companheiro não aceita a separação, “Ele me ameaça de morte” e “Ele me persegue, pois não aceita separação” (sic). Marcela relata que o companheiro não aceita a separação, e faz constantes ameaças de morte, “Ele diz que eu não vou ser feliz com mais ninguém, e que vai me matar e matar a pessoa que estiver comigo” (sic).

Através dos dados obtidos, também se percebe, como foi exposto por Chauí (1999 *apud* Cortez; Souza 2008), que a violência de gênero, se compreende em uma relação de desigualdade, em que o objetivo seria a dominação, exploração e a opressão do outro, do lado mais fraco temos a mulher, e fica evidente a hierarquização entre os gêneros, pois o homem é considerado como forte, racional, e a mulher totalmente destituída de qualquer poder. Podemos notar claramente a visão patriarcal de masculinidade, em que os homens sempre estarão no comando dos relacionamentos.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência do comportamento estuda por que os indivíduos agem como agem, posto que, nenhum comportamento ocorre sem sentido algum. O objetivo deste estudo foi identificar, e descrever às variáveis que podem levar ao início e a permanência da violência doméstica contra a mulher. É importante destacarmos que a partir da literatura apresentada, a sociedade está com um olhar mais crítico em relação à violência de gênero, e também em relação aos direitos das mulheres.

A Violência de gênero é entendida como problema de saúde pública pela OMS, e conforme a literatura apresenta de fato em nossa sociedade, existe o estereótipo do papel feminino, que atribui à mulher características de dependência e passividade, deixando clara a hierarquização entre os gêneros, pois o homem é considerado como forte, racional, e a mulher totalmente destituída de qualquer poder, e os homens sempre estarão no comando dos relacionamentos.

As vítimas de violência possuem pouco grau de escolaridade, mas dentre elas, existe uma diversidade, entre ensino fundamental e médio, completos e incompletos, e ensino superior. A idade das mesmas variaram, entre 19 e 45 anos e existe também uma diversidade em relação à vida profissional das participantes. Todas elas sofreram violência psicológica, seguida de mais algum tipo de violência, o que quebra os paradigmas de que a violência só acomete as pessoas sem escolaridade e de baixo poder aquisitivo, que a violência doméstica não tem distinção de cor, classe social, escolaridade ou de idade..

Nos casos estudados identificamos algumas modalidades de violência doméstica contra a mulher, a maioria das participantes sofreu violência psicológica, geralmente acompanhada de violência física, e a modalidade de violência menos apresentada foi à violência sexual. Identificamos algumas variáveis que levaram ao início e a permanência da violência de gênero, como ciúmes excessivos, oposição à separação, uso de substâncias psicoativas, drogas e álcool e companheiros opressores que exercem uma posição de poder e supremacia sob a companheira.

Verificamos também, que o tempo de união com o parceiro, em quase todas as relações tratam-se de relacionamentos duradouros, mesmo em alguns casos de separação, ainda existe um convívio da vítima com o agressor, e notamos que a maioria das vítimas só decidiram buscar ajudar, quando a violência se estende dela, para outros

membros da família, como os filhos, por exemplo, é notável que violência doméstica trás um sofrimento gradativo para toda família.

De acordo com o que vimos na literatura, diante dos dados apresentados e da análise realizada, fica claro que, além da violência de gênero ser um fenômeno social que vem tomado grandes proporções, trazendo muitos prejuízos para a família e para a sociedade, ela ocorre por fases, em que primeiro existe uma tensão, seguida pelos atos violentos e uma fase mais amena em que o agressor promete mudar de postura, mas mantém os mesmos comportamentos agressivos, e identificar as variáveis que podem ser consideradas como fatores primordiais para o início e permanência da violência doméstica, é de suma importância, para tentarmos entender o do perfil dos agressores, e as situações em que ocorrem a violência de gênero.

Consideramos importante que outros estudos sejam realizados, a fim de buscar uma melhor compreensão da dimensão psicológica da mulher agredida contribuindo para que sejam elaborados programas preventivos mais eficazes, junto a estas mulheres.

V. REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Maria Amélia. Violência física contra a mulher: dimensão possível da condição feminina, braço forte do machismo, face oculta da família patriarcal ou efeito perverso da educação diferenciada? In: _____. **Mulheres espancadas: a violência denunciada**. São Paulo: Cortez, 1985. p. 45-75.

BAUM, W.M. **Compreender o Behaviorismo**. Artmed. São Paulo. 2005.

BOECHAT, Lúcio Fonseca. Atuação Homicida contra esposa ou companheira: uma contribuição ao seu estudo. **Revista de Psiquiatria RS**. Porto Alegre. 4(2): p.114-24, maio/ago. 1982.

BOSCARDIN; M. K., KRISTENSEN; C.H. Esquemas iniciais desadaptativos em mulheres com amor patológico. **Revista de Psicologia da IMED**. Rio Grande do Sul, vol. 3, nº1, p. 517-526, 2011.

BRASIL. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Lei Maria da Penha: lei n.11.340 de 7 de agosto de 2006: Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. 31 p.

CARVALHO, F. L. **Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação**. V.4 In: KERBAUY. R.R. (Org.). O papel das crenças no ciúme romântico: Uma abordagem sócio-cognitiva. Santo André: Esetec, 2001. p. 119-121

CARVALHO, M. C. G. B.; MEDEIROS, C. A. Determinantes do seguimento da regra: “antes mal acompanhado do que só”. **Universitas: Ciências Da Saúde**. Brasília, v. 3, n.1, p.47-64, 2005.

CORTEZ, M. B. E SOUZA, L. Mulheres (in)Subordinadas: O Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Espírito Santo, Vol. 24, p.171-181, Número 2, 2008.

COSTA, N. Contribuições da Psicologia Evolutiva e da Análise do Comportamento Acerca do Ciúme. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. Maranhão, vol. 6, nº 1, p. 05-13, 2005.

DAY, Vivian Peres. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista Psiquiatra**. Rio Grande do Sul, Vol. 01, p. 9-21, 2003.

ELIAS, P. V. O.; BRITO, I. A. G. S. (2007). A função da assertividade no relacionamento afetivo. **R. R Starling (org). Sobre Comportamento e Cognição: temas aplicados**. Santo André, vol. 19, pp. 23-36, 2007.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Disponível em: <http://www.fpabramo.org.br>. Acesso em: 14 de Abril de 2014.

HERMANN, Jacqueline; BARSTED Leila Linhares; **Violência contra mulher: Um guia de defesa, orientação e apoio**. Rio de Janeiro: Cepia, 2000.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Disponível em: <http://www.violenciamulher.org.br>. Acesso em: 14 Abril de 2014

KRONBAUER, D. F. J. E MENEGHEL, N. S. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Revista saúde pública**, Rio Grande do Sul, Vol. 39, p. 695-701, Número 5, 2005.

MALDONADO, M.T. Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência. São Paulo: Moderna, 1997.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. Hoja Informativa. (s/d). Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd61/violenciamujeres.pdf> Acesso em: 16 Abril. 20014.

PASSOS, Elizete Silva. Palcos e platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia. Salvador: UFBA; Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999.

PEREIRA, Mariana Alvarenga Eghrari. **Protegendo as mulheres da violência doméstica**. In: Seminário de Capacitação para juízes, procuradores, promotores, advogados e delegados no Brasil , 3, 2006, Brasília: Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. FNEDH 2006.

RODRIGUES; J. A.; RIBEIRO; M. R. **Análise do comportamento**: Pesquisa, teoria e aplicação. Porto Alegre : Artmed, 2005.

SCHRAIBER, L.B.; D'OLIVEIRA, A.F.P.L.; FRANÇA-JUNIOR, I.; DINIZ, S.; PORTELLA, A.P.; LUDERMIR, A.B.; VALENÇA, O.; COUTO, M. T. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 41, n. 5, outubro, 2007a. Disponível em: Scielo. Acesso em: 13 Março. 2014.

SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher**: quem mete a colher? São Paulo: Cortez, 1992. p. 52-104.

VIZZOTTO, M. M.; HELENO, M. G. V.; BONFIM, T. E. ; ARIAS, G.S.; FUKAMASHI, H.K.; RODRIGUES, J. ; MARCOS, V.P.; MELO C. Contornos da violência doméstica: Síntese do levantamento de dados sobre a população atendida pela psicologia em delegacias da mulher na região do ABCD Paulista. In: IX Jornada Apoiar, 2011, Jornada Apoiar: Violência Doméstica e Trabalho em rede compartilhando experiências: Brasil, Argentina, Chile e Portugal. São Paulo: IPUSP – Instituto de Psicologia da USP, 2011. p. 590-603

VI. APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Fui informado (a) que essas entrevistas e testes psicológicos que aqui respondo e que estão sendo realizados na Delegacia e acompanhados pelos estagiários de Psicologia, podem servir como material de pesquisa. A pesquisa é realizada para ampliar o conhecimento sobre “Violência doméstica”, de modo que há interesse dos psicólogos em entenderem melhor o que ocorre e como ocorrem os vários tipos de violência, tanto com mulheres, crianças, idosos e demais pessoas que dão entrada nas delegacias para prestarem queixas.

O estudo é coordenado pelas psicólogas e professoras: Dra. Marília Martins Vizzotto e Dra. Maria Geralda Viana Heleno da Universidade Metodista de São Paulo e sua finalidade é exclusivamente acadêmica, ou seja, para ampliar o conhecimento sobre esses problemas.

Declaro que compreendi o que foi informado pelo estagiário e também que foi dito que sofrerei nenhum tipo de prejuízo de ordem psicológica ou física e que minha privacidade será preservada.

Concordo que os dados sejam publicados para fins acadêmicos ou científicos, desde que seja mantido o sigilo sobre minha participação e que minha identidade não seja revelada.

Estou também ciente de que poderei, a qualquer momento, comunicar minha desistência em participar do estudo.

Universidade Metodista / Mestrado em psicologia.

Portanto, eu, _____ concordo em participar desta pesquisa acadêmica.

São Bernardo do campo, ____ de _____ de 20__

Assinatura do participante: _____

Documento de identificação (R.G): _____

Assinatura dos coordenadores de pesquisa: _____ R.G

_____ R.G

Assinatura do psicólogo (ou estagiário 5º ano): _____ RG

APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas**RELATÓRIO DE ATENDIMENTO**

Registro n° _____ Data: ___/___/___ Horário de atendimento: _____

I – Identificação do usuário:

Nome: _____ Data Nasc: _____

Sexo: _____ Filiação: _____

Estado civil: _____ Naturalidade: _____ Escolaridade: _____

Documento: _____ Profissão: _____ Fone: _____

Endereço: _____

Perfil do usuário: () Morador da região () Profissional da região () Morador de rua
Primeiro casamento () sim () Não () outros: _____

Tempo de convivência com o atual parceiro: _____

Profissão do companheiro: _____

Nº de filhos? : _____

Todos do mesmo companheiro? : _____ Quantos são do atual? _____

Porque veio para São Paulo? : _____

Idade do companheiro: _____

Situação Sócio-econômica-cultural

Renda familiar mensal R\$ _____ Quem trabalha? _____

A renda é suficiente para o sustento da família? _____

Moradia

Quantas pessoa vivem na mesma casa e quem são?

Casa: () Própria () Alugada () Cedida , por quem? _____

Quantos cômodos tem a casa? _____

As pessoas dormem em quartos separados? Se não, porque? Falta de espaço ou hábito?

Se hábitos, fale um pouco deles:

Dinâmica atual (Descrever queixa, motivo pelo qual veio á Delegacia)

Há quanto tempo passa por esta situação?

Dados da história de vida anterior (Família de origem: Investigar histórico de agressão, como era composta, relacionamento)

Porque veio buscar apoio agora?

O que você espera do apoio que veio buscar?

O que você imagina que pode fazer para reverter esta situação?
